



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Davino Aquila Florentino

**IDENTIDADES E DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA LEITURA DE
ANJO NEGRO, DE NELSON RODRIGUES**

DOURADOS-MS

2015

Davino Aquila Florentino

**IDENTIDADES E DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA LEITURA DE
ANJO NEGRO, DE NELSON RODRIGUES**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Ana Claudia Duarte Mendes

DOURADOS-MS

2015

Davino Aquila Florentino

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**IDENTIDADES E DISCRIMINAÇÃO RACIAL: UMA LEITURA DE
ANJO NEGRO, DE NELSON RODRIGUES**

APROVADO EM: _____/_____/2015

Orientador (a): Prof^a. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes
UEMS - Dourados

Prof^a. Dra. Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço
UEMS - Dourados

Prof. Dr. ADILSON CREPALDE
UEMS- Dourados

DEDICATÓRIA

Dedico a minha namorada, e as pessoas queridas na minha vida, que me ajudaram na minha vida acadêmica. Espero que uma nova perspectiva de vida possa ser traçada e que novos rumos sejam tomados na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Prof^ª. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes, pois me ajudou muito na conclusão deste trabalho. A minha irmã adotiva Adriane Mahl que me apoio nessa jornada. A minha namorada Haliny Maria de Freitas que me ajudou dando apoio. Aos meus amigos da faculdade. A todos os professores da faculdade que fizeram parte da minha vida acadêmica. Aos meus familiares.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo o estudo da obra de Nelson Rodrigues, *Anjo negro* (2004), a escolha do texto literário e seleção do tema se devem ao fato de considerarmos a questão racial como importante nos meios acadêmicos, e uma discussão atual. Uma das características da obra de Nelson Rodrigues foi o de provocar nos leitores o horror, as tragédias cotidianas ganharam vida e palco, estes elementos enriqueceram o teatro brasileiro. É uma tragédia em três atos, aborda temas como ódio, violência contra a mulher, patriarcalismo, as mazelas sociais, mas nosso foco é o estudo da questão étnico racial. Nosso olhar está sob o personagem principal, o negro Ismael, que tem aversão à sua cor de pele, e Virgínia, sua esposa, que sente ódio por pessoas de cor negra. Discutiremos questões mais ligadas à construção das identidades no interior da obra, principalmente como estas se configuram no processo colonial, as ideologias que geram o racismo resultante desta estrutura social. Utilizaremos principalmente os estudos de Hall (2004) e Fanon (2008) para descortinar os aspectos relacionados à construção das identidades culturais.

Palavras chaves: *Anjo Negro*; teatro; racismo; identidade

ABSTRACT

This study aimed analyzing Nelson Rodrigues's play *Black Angel* (2004); the choice of the literary text and theme selection are due to the fact that we consider the racial issue important in academic circles and a current discussion. One of Nelson Rodrigues features in his creation was to provoke in readers the horror, everyday tragedies from life to stage which elements theater it's a tragedy in three acts, covers topics such as hate, violence against women, patriarchy, social illness, however the focus of our study is the ethnic racial issues. Our main focus is on the main character, the black Ismael, who has an aversion to his own skin color, and Virginia, hi wife, who hates people of color. We discussed more issues related to the identity constructions within the work especially how they are set during the colonial times, ideologies generaling racism of such social structure. The theory will be mainly based on Hall (2004) and fanor (2008) to unfold the aspects related to the construction of cultural

Keywords: Dark or black angel-theater, racism, identity

Sumário

CAPÍTULO I O TEATRO E A TRAGÉDIA

Introdução.....	9-10
1.1 O teatro no Brasil	11-13
1.2 Características do teatro de Nelson Rodrigues	13-15
1.3 <i>Anjo Negro</i> : uma tragédia em três atos.....	15-19

Capítulo II NEURÓTICO A ASSASSINO

2.1 A identidade afrodescendente em <i>Anjo negro</i>	20-23
2.2 A TRAGÉDIA DE ISMAEL DE NEURÓTICO A VIOLADOR E ASSASSINO	23-30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo o estudo da obra de Nelson Rodrigues, *Anjo negro* (2004), a escolha do texto literário e seleção do tema se devem ao fato de considerarmos a questão racial como importante nos meios acadêmicos, e uma discussão atual. Uma das características da obra de Nelson Rodrigues foi o de provocar nos leitores o horror, as tragédias cotidianas ganharam vida e palco, estes elementos enriqueceram o teatro brasileiro.

Nelson Rodrigues trabalhava com as mazelas do ser humano. Seus personagens eram contraditórios, cruéis, denunciavam aquilo que a humanidade gostaria de esconder. A peça *Anjo negro* (2004) não foge de tais características. É uma tragédia em três atos, mostra o comportamento humano e aborda temáticas polêmicas, por isso foi censurada. Aborda temas como ódio, violência contra a mulher, patriarcalismo, mazelas sociais, mas nosso foco neste trabalho é o estudo da questão étnico racial.

Nosso olhar estará sob o personagem principal, o negro Ismael, que tem aversão à sua cor de pele, e Virgínia, sua esposa, que sentirá ódio por pessoas de cor negra. O desdobrar deste conflito, adquire um aspecto marcante na peça, que é a questão da violência, trazida para a cena no teatro, esta relação de Ismael e Virgínia configura-se como uma oposição de amor/ódio.

No primeiro capítulo dialogaremos com a obra de Pereira (2012), uma dissertação de mestrado, com o título *Nelson Rodrigues: Anjo Negro e a Falência da Família*, nossa finalidade é contextualizar a obra, *Anjo Negro* no cenário nacional, e no conjunto da obra de Nelson Rodrigues. O trabalho de Pereira (2012) discute a questão da estrutura da peça como tragédia, analisa alguns elementos que a constituem, por exemplo, a função do coro e do espaço, bem como a disputa de poder entre as personagens. Nosso trabalho, parte do recorte apresentado, desdobrando-o no sentido de buscar os elementos que auxiliem nosso propósito primeiro, discutir a questão étnico racial.

No segundo capítulo, discutiremos as questões mais ligadas às construções das identidades no interior da obra, principalmente a de Ismael, a trajetória do personagem,

principalmente como esta se configura no processo colonial, os discursos que geram o racismo resultante desta estrutura social (FANON, 2008). Utilizaremos principalmente os estudos de Hall (2004) e Fanon (2008) para descortinar os aspectos relacionados à construção das identidades culturais e a configuração do racismo na sociedade brasileira.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, nossa intenção é contextualizar a obra de Nelson Rodrigues, *Anjo negro*, dialogando com a obra de Pereira (2012) que discute a estrutura da peça, classificada como tragédia pela autora, bem como a questão da família brasileira, no sentido das disputas de poder no interior do texto.

Primeiro, consideramos importante traçar um breve histórico da presença do teatro em terras brasileiras, para a seguir apresentar a obra de Nelson Rodrigues nesse contexto. Na sequência, discutimos alguns elementos da tragédia *Anjo negro*, a partir dos estudos de Pereira (2012), para aprofundar o sentido da peça, e compreender a sua estruturação. Nessa perspectiva, iniciamos nosso percurso de leitura, que nos levará à compreensão da estética de Nelson Rodrigues, e a partir daí, poderemos analisar os aspectos mais pertinentes à esta pesquisa, que se relaciona com os aspectos étnicos raciais presentes no texto literário, no próximo capítulo.

1.1. O teatro no Brasil

O teatro no Brasil surgiu por volta do século XVI, quando o Brasil era ainda colônia de Portugal. Os jesuítas vieram catequizar os índios e em sua bagagem trouxeram sua cultura, seus costumes, literatura e peças de teatros.

As apresentações de teatro no período colonial tinham caráter religioso. Com objetivo de catequizar os índios eram utilizadas peças teatrais que passavam ensinamentos voltados para religião, seu principal representante dessa época foi Padre José de Anchieta. Nas peças encenadas eram colocados os índios para participar dos dramas como atores (PEREIRA, 2012).

As encenações eram em espanhol ou em português, visavam doutrinar os colonizados. Dessa forma, as primeiras peças encenadas no Brasil eram voltadas para o catecismo, as lições de moral e comédias. Com essas apresentações, Padre José de Anchieta tinha como objetivo doutrinar os indígenas, para que estes compreendessem o catolicismo e passassem a ser tementes a Deus, além de obedecer as ideias da igreja católica e do processo colonial (PEREIRA, 2012).

De acordo com Souza (1968, apud PEREIRA, 2012, p. 15), “... a partir de 1770, têm-se as primeiras tentativas de se formar um movimento teatral nacional, devido ao surgimento de vários grupos constituídos por artistas amadores, escravos alforriados, estudantes, professores, comerciantes, militares.”

Estes grupos perceberam que precisavam formar pessoas aptas para apresentar peças, e que era preciso profissionalizar para que houvesse artistas que pudessem atuar em datas comemorativas ou cívicas. No século XVII e em boa parte do seguinte, as representações dramáticas andaram sempre ligadas a outras manifestações populares de regozijo ou a festejos religiosos. (SOUSA, apud PEREIRA, 2012).

No século XVIII começou a instalação das primeiras casas de ópera com intuito de encenar peças. Assim, o teatro no Brasil começou a se consolidar, já havia atores fixos, além de um público que sempre prestigiava as apresentações. Cláudio Manuel da Costa, poeta que deu o início ao arcadismo no Brasil, publicou em 1768 obras poéticas, além da peça encenada *O Parnaso Obsequioso*, de Claudio Manuel da Costa. (PEREIRA, 2012)

A peça do poeta árcade, bem de acordo com a estética da época, era apresentada por um coro que tinha musas e deuses olímpicos, que davam louvor ao que estava fazendo aniversário, que era o governador de Minas Gerais, na época. (PEREIRA, 2012)

Quando a família real chegou ao Brasil, o teatro brasileiro teve um crescimento significativo. Em 13 de março de 1838, foi encenada a peça *Antônio José ou O poeta e a inquisição*, de Gonçalves de Magalhães. Essa foi a primeira tragédia elaborada por um brasileiro, a partir deste fato o teatro no Brasil passou a contar também com autores nacionais. Junto com Gonçalves de Magalhães, nesse período, surgiu Martins Pena, suas peças eram voltadas mais para a comédia de costumes, utilizando linguagem popular ele satirizava, com intuito de fazer o povo rir de coisas do cotidiano, como política e os costumes sociais, entres outros aspectos. (PEREIRA, 2012)

Nesse período, os textos teatrais começaram a se tornar mais realistas, e com isso foram inseridas temáticas sociais, já em pleno século XIX. A família é considerada raiz dentro de uma sociedade, e o teatro dentro da sua dramaturgia. Nessa época foi que surgiu outros nomes de destaque a frente do teatro brasileiro como: Artur Azevedo, João Caetano e Machado de Assis. (PEREIRA, 2012)

Uma das temáticas que eram trabalhadas dentro da estética realista era a escravidão. Tema que perpassou também a obra de alguns escritores em outros períodos literários poderia citar autores como: José de Alencar com a obra *As asas de um anjo*, 1858 e Castro Alves com *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, de 1876. (PEREIRA, 2012).

De acordo com Sousa (1968, apud PEREIRA, 2012, p. 17) “Não há dúvidas de que na história do nosso teatro, existem altos e baixos, coisa que não é privativa do nosso, mas comum também ao teatro dos povos que costumamos citar como exemplo da civilização e cultura.” O teatro passa por uma decadência, no início do século XX, mesmo com a Semana de Arte Moderna, este não conseguiu uma mudança de perspectiva. Segundo SOUSA (1968, apud PEREIRA, 2012, p. 19). “Pode-se mesmo afirmar que os idealizadores da Semana de Arte Moderna se esqueceram inexplicavelmente da cena nacional”.

Nesse sentido, é preciso compreender que para existir o teatro é necessário a existência de uma infraestrutura, que torna a atividade artística impossível em algumas regiões no Brasil. (PEREIRA, 2012)

O teatro brasileiro passa então por uma fase de pouca produção nacional, no começo do século XX, o que só melhorará em meados do mesmo século, com as obras de Nelson Rodrigues. (PEREIRA 2012)

1.2. Características do teatro de Nelson Rodrigues

Com o declínio do teatro brasileiro o público deixou de prestigiar as peças, nesse cenário desolador era preciso uma mudança radical na forma destas ser encenadas. Pois, neste contexto da perda de interesse do público, era preciso uma renovação estética teatral, algo que mudasse a situação da época, de acordo com Pereira, é então que surge Nelson Rodrigues:

O brasileiro gosta de horror e a nossa cidade é emotiva como uma senhora gorda. [...] Hoje, a reportagem de polícia está mais árida do que uma paisagem lunar. [...] O repórter mente pouco, mente cada vez menos [...] Daí porque a maioria foge para a televisão. A novela dá de comer a nossa fome de mentira. (CASTRO, apud PEREIRA, 2012, p. 22).

Uma das características marcantes da obra de Nelson Rodrigues foi o horror, este fez parte da criação das suas peças de teatro voltadas mais para tragédia, esse elemento que faltava para o teatro brasileiro. O objetivo era trazer o público de volta ao teatro e o horror a que o dramaturgo se refere foi muito construído nas peças que trouxe a público, em face das características trágicas de seus textos, apresentando a emoção que faltava no teatro que o precede, segundo Pereira (2012). A ideia de misturar ficção e realidade com intuito de envolver o público, de acordo com Rhinow:

Talvez a tragicidade elevada de raízes gregas não seja atingida por Nelson, que se vale seguidamente de recursos do melodrama, por exemplo. Mas isso não o impede de explorar o trágico, tão ligado ao mítico, ou até de recorrer a elementos da tragédia grega deliberadamente, como o uso de máscaras e do coro, elementos que, no caso rodriguiano, enfatizam o caráter não realista da cena. Aliás, o compromisso de Nelson não é o realismo de cunho reducionista, mas com a teatralidade e a compreensão da realidade que pode emergir daí. (2000, p. 51)

A criatividade do escritor Nelson Rodrigues de dar à vida as experiências jornalísticas o fez ser amado e odiado. Pois no processo de criação dos seus personagens, utilizava sua experiência como jornalista, as histórias que ouvia, e toda a tragédia cotidiana observada de perto, influenciaram a maneira do escritor compor suas peças. (PEREIRA, 2012), segundo Rhinow (2000):

Ele próprio se alcunhava “Flor de obsessões”, confessando desde sempre que a repetição de temas e personagens era, sim, mais do que uma característica da sua obra, um método mesmo de composição. Essa característica, aliás, é vista por alguns críticos justamente como o ponto fraco de uma obra escrita nas relações de jornais, pelas quais Nelson circulou desde que ainda era moleque de calças curtas, lá pelos treze anos (ele começou a escrever profissionalmente em 1925, no jornal de seu pai, o combativo *Mário Rodrigues*. (p. 52)

Os temas são interligados, o amor com a morte, traição, violência, sexo, trabalhados em suas peças numa sequência dramática. Seguindo esse pensamento, Castro (1992) fala sobre os temas que predominavam na obra de Nelson Rodrigues:

Nelson gostava de repetir que seu teatro era uma meditação sobre o amor e sobre a morte. Evidentemente, se essa temática dominava suas preocupações, não era exclusiva, nem esgota o universo das peças. Vingança, a existência como aventura apocalíptica, o poder demoníaco da imprensa, o dinheiro corruptor, a frustração feminina (e por extensão masculina), a realidade prosaica são constantes da obra rodriguiana. (CASTRO, apud PEREIRA, 2012, p 23)

Com Nelson Rodrigues, filho da notícia de jornal e das mazelas sociais, deu-se o início à vanguarda do teatro, com sua obra todas as maneiras de montar peças se tornaram possíveis. Em 1964, com a ditadura militar instaurada no país, houve grande preocupação com a repressão, o teor político na literatura era reprimido (PEREIRA, 2012).

Os anos imediatamente anteriores e posteriores a 1964 enfatizavam a dramaturgia política, ainda mais que a social. Se não era esse todo, nem talvez o melhor teatro, foi sem dúvida aquele em que a comunidade teatral, representada por suas facções mais combativas, melhor se reconheceu. O país dividia-se e ninguém, autores ou público, críticos ou intérpretes, aceitava ficar à margem dos acontecimentos. (PRADO, apud PEREIRA, 2012, p. 23)

Nelson Rodrigues tinha o talento artístico de retratar em sua obra, o lado mais oculto dos seres humanos. Seus personagens eram contraditórios, cruéis, carregavam as mazelas que a humanidade gostaria de esconder, mas que afloravam de forma dramática ao longo dos textos. Por meio do teatro o autor denunciava, retratava em suas peças o oposto das aparências, a verdade das imposturas cotidianas.

1.3. *Anjo Negro*: uma tragédia em três atos

O *Anjo negro* (2004) caracteriza-se como tragédia dividida em três atos, a peça mostra o comportamento humano e trata de temáticas polêmicas, por isso que a peça foi censurada, por tratar de assuntos que não eram considerados adequados à época, segundo Magaldi (1992):

Anjo Negro, feita em 1946, trouxe a segunda interdição para o autor, em janeiro de 1948, indo à cena, contudo, dois meses depois, em dois de abril no Teatro Fênix do Rio, em produção de Sandro Polloni e sob a direção de Ziembinski. Recepção controvertida, em parte talvez pelo problema racial envolvendo os protagonistas, em parte pela estranheza do procedimento dramático, não corrente em nosso meio, no seu deliberado antirrealismo. (MAGALDI, apud PEREIRA, 2012, p. 44).

No Brasil, as peças retratavam os costumes e a moral da sociedade, as obras de Nelson Rodrigues têm um caráter controverso, pois questionam a moral burguesa, rompem com a estrutura vigente, ao abordarem temas incomuns, que provocavam reações diversas, uma vez que estes envolviam questões como a violência sexual, loucura, morte entre outros.

Nesse contexto, a peça *Anjo negro* aborda também temas como ódio, violência contra a mulher, mas a questão que estudaremos em primeiro plano é a étnica racial, nesse sentido, o autor irá expor o preconceito da sociedade brasileira. O negro como alvo constante de discriminação, não apenas por brancos, mas também em relação às pessoas afrodescendentes. Pois na peça, o personagem principal é um negro, Ismael, que tem aversão à sua cor de pele, e Virgínia, sua esposa, sente ódio por pessoas de cor negra.

O desdobrar deste conflito, adquire um aspecto marcante na peça, que é a questão da violência, trazida para a cena no teatro, esta relação de Ismael e Virgínia configura-se como uma oposição de amor/ódio.

Ao analisar a obra, encontramos nela elementos que remetem à estrutura do teatro trágico. A ideia de tragédia vem da Grécia Antiga, berço do teatro (PEREIRA 2012).

Brandão (apud PEREIRA, 2012, p. 45) “...informa-nos que o surgimento do teatro e da tragédia data das celebrações e ritos a Dionísio, o deus campestre do vinho.”

De acordo com Aristóteles (335 a. C. e 323 a. C), a tragédia tinha como função social educar o povo, para que este pudesse buscar o equilíbrio. Seu principal elemento constitutivo era a catarse, que de acordo com o filósofo é o processo no qual o homem reconhece a si mesmo como num espelho e, ao mesmo tempo, afasta-se do reflexo, como que observando a sua vida de fora. (PEREIRA, 2012)

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação [a purificação] dessas emoções. (ARISTÓTELES, apud PEREIRA, 2012, p. 45)

Nesse sentido, a catarse representa a purificação do público, mas no desenrolar da ação trágica deve haver o sentimento de coletividade, que é algo importante para o desenvolvimento de uma tragédia.

Pois a catarse ocorreria quando o herói passasse da felicidade para a infelicidade por "errar o alvo" estas devem vivenciar situações de conflito, causadas pela culpa que o personagem principal carrega consigo. A tragédia como a conhecemos pertenceu ao mundo pagão (PEREIRA, 2012):

Para os antigos, as paixões representavam perturbações da alma e a catarse purificaria, pelo menos, duas paixões: o medo e a piedade (paixões que para os gregos deveriam ser combatidas, diferente do catolicismo que as exalta). A tragédia grega, ao provocar medo e piedade, apresentaria uma maneira de lidar com tais paixões quando experimentadas através da catarse. Para os antigos experimentar medo ou piedade traria danos à alma, mas não quando se expressasse através da catarse. (CAVALCANTE, apud PEREIRA, 2012, p. 47)

No caso da peça *Anjo negro*, podemos relacionar a questão da perturbação com o personagem Ismael, que por ser negro, carrega a marca distintiva de sua “condição” de herdeiro de uma cultura subjugada pela força bélica da cultura europeia. No decorrer da peça, o personagem tenta subjugar esta cultura, metaforicamente, ao desposar uma moça branca, com a qual estabelece novos conflitos.

A construção do trágico se estabelece no conflito de interesses entre o casal. Ismael, de um lado, usa a força física e seu poder econômico, para subjugar Virgínia, moça de uma família rica, mas que cai em desgraça, ao contrariar a tia que permite que ela seja violada por Ismael. O casamento, após a violação, torna-se campo dos conflitos

étnicos, éticos e morais. Ambos se tornam culpados pelos seus crimes. E estabelecem as bases para a instalação do trágico.

Ismael, personagem trágico, por ter nascido negro, parte em busca do embranquecimento cultural ao se tornar médico, suas ações são para enaltecimento de si. Estudou medicina não apenas por ascensão social, mas para provar a possibilidade de pertencimento ao mundo branco, de identificação cultural (HALL, 2004) e ter direito a circular nesse meio.

Sua obstinação em ser aceito como branco, que a princípio o destacava socialmente, tornou-se loucura, pois ao estabelecer a relação com Virgínia, fez dela esposa e prisioneira, nesse sentido, impôs-se e mostrou sua crueldade a todos. Suas ações, motivadas pela vergonha da sua cor o fizeram médico respeitado, lutando por vencer a limitação social imposta pela sua cor, e o tornaram o herói trágico desta peça, pois a personagem passa da fortuna ao infortúnio, tal reviravolta no destino das personagens é nomeada por Aristóteles como peripécia.

Ao analisar a trajetória da personagem Virgínia, percebemos que a peripécia se estabelece no momento em que trai a confiança da prima, ao beijar o noivo desta, e sua desgraça se estabelece na vingança da tia, que permite o seu estupro e consequente casamento com Ismael. A dilaceração de Virgínia, torna-se constante, pois ao passar da fortuna ao infortúnio, sua tortura é diária, pois todo ato de sexo com o marido é um estupro.

Na tragédia grega, a personagem luta contra o próprio destino. No caso da peça *Anjo negro*, o escritor teve como foco o trágico no século XX. Ismael luta para vencer no mundo branco, impondo sua vontade à Virgínia, que se debate em sua situação trágica, pois não encontra saída para fugir de seu destino e do marido.

Nesse sentido, Virgínia é heroína trágica, no sentido da peripécia; Ismael é o herói trágico, que luta contra sua condição de negro subalterno, para ascender numa sociedade racista, e tem seu destino marcado por tal desejo.

Considerando então Ismael, vemos este marcado pela sociedade em que vive, o racismo predominante em sua na vida social, faz com que este perpetue a maldade do sistema, em suas escolhas (PEREIRA, 2012).

O escritor utilizou a tragédia nos moldes do teatro grego, pois este era a moldura ideal para conter as contradições que se perpetuam na sociedade brasileira, questões adormecidas e que não eram discutidos pelas pessoas, esses temas eram colocados nas peças.

A antiga tragédia grega utilizava-se de um elemento que a peça *Anjo negro* também possuiu: a presença do coro, a voz sai sempre no coletivo. Esse aspecto representa a sociedade. O coro tem marcas do social, pois representa a sociedade que está do lado de fora, dá sua opinião e comenta tudo. De acordo com Lopes (2012), “A peça abre com o coro das pretas descalças comentando a ação e já introduz aquela fatalidade (para usar um termo da tragédia) de que ali nenhuma criança se cria.”

Esse aspecto da apresentação do coro chama-nos a atenção, pois composto de “pretas descalças”. A voz que introduz e conduz a narrativa na peça é representada pelo feminino, de cor “preta” e “descalça”, marcas dos que vivem à margem da sociedade, assim o coro vive à margem na peça. Tal elemento não pode passar despercebido, como analisaremos mais atentamente no próximo capítulo, a questão da voz dos colonizados, ou da ausência de uma voz independente.

O coro de *Anjo negro*, com sua voz ligada à moral e costumes vigentes, expressa a ideologia presente na sociedade branca, assim todos falam ao mesmo tempo. Então o coro é como representação a sociedade brasileira que expõe suas opiniões, dentre elas, a do preconceito mascarado por meio das convenções sociais.

SENHORA – Moreno, não. Não era moreno!
SENHORA – Mulatinho disfarçado!
SENHORA (polêmica) – Preto!
SENHORA (polêmica) – Moreno!
SENHORA (polêmica) – Mulato!
SENHORA (em pânico) Meu Deus do céu, tenho medo de preto!
Tenho medo, tenho medo! (RODRIGUES, 2004, p. 125).

O discurso acima está permeado pelo preconceito presente nas práticas culturais vigentes na sociedade brasileira, que diferencia, em momentos específicos, os afrodescendentes, apoiando-se na gradação da pigmentação da pele, pois essa é uma marca construída e disseminada no âmbito social, para diferenciá-los e assim melhor assimilar e dominar. “Mulatinho”, “preto” e “negro”, são termos pejorativos para enfatizar a inferioridade de “raça”, no trecho da peça estas palavras enfatizam essa ideia.

A personagem Virgínia não tinha a intenção de conceber filhos nessa relação de ódio étnico, muito menos de proporcionar descendência ao marido. No contexto da peça, a função do coro é de acusar a protagonista, e o tempo todo faz lembrar a raiz do conflito: “Branca Virgínia” / “Negro Ismael”. Assim, esclarece os nexos temporais e auxilia na compreensão dos fatos vindouros. (PEREIRA, 2012)

Quando o coro ecoa o racismo e anuncia as tragédias do cotidiano do casal, reafirma a prática preconceituosa disseminada na sociedade brasileira. Nelson Rodrigues, ao dar voz ao coro, o faz para que este revele a face violenta que permeia as relações de ódios étnicos e de gênero.

CAPITULO II

2.1 A identidade afrodescendente em *Anjo negro*

No capítulo anterior, nosso objetivo foi contextualizar a obra *Anjo negro* no cenário nacional, e no conjunto da obra de Nelson Rodrigues, neste capítulo nosso trabalho visa discutir questões mais ligadas à construção das identidades no interior da obra, e como estas se configuram no processo de compreensão das trajetórias das personagens em um cenário de ideologia colonial.

Consideramos para este estudo as ideias de Stuart Hall (2004), quando este discute a evolução do conceito de identidade, e informa-nos que até o Iluminismo esta questão não era considerada, uma vez que a organização da sociedade possibilitava que esta fosse pensada como sendo unificada. Após este período, com as mudanças sociais no mundo, provocadas pelas diversas migrações, com a ascensão dos estados nacionais, a ideia de identidade passa a fazer parte das discussões e seu conceito torna-se mais complexo.

Ainda de acordo com Hall (2004), no período em que este chama de pós-moderno, as identidades não podem mais ser pensadas como sendo fixas, unificadas, pois na modernidade vivenciamos o contato com as diferenças culturais, sociais, e isso provoca uma mudança muito mais perturbadora e provisória. As identidades se modificam, de acordo com os diferentes quadros sociais que o sujeito se defronta ao longo de sua trajetória.

As velhas identidade, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, então em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim chamada “crise de identidade” é vista como de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processo centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo. (HALL, 2004, p. 7).

A partir dessas considerações sobre a identidade, pensada a partir do princípio de que esta se modifica, podemos analisar alguns aspectos presentes na peça *Anjo negro*, em especial o personagem Ismael, que no texto literário tem sua identidade construída na perspectiva das ideologias do processo colonial. Ele será caracterizado como negro, que assume para si a ideologia e as práticas sociais do colonizador, ao aceitar como válido o discurso de superioridade do branco em relação aos homens de cor, o preconceito em seu discurso é originado do pensamento racista vigente na sociedade.

Essa ideologia herdada do processo colonial, afeta os negros, até os dias atuais, pois o negro não é aceito na sociedade como igual, a negação da cultura afrodescendente é construída a partir da ideia de que tudo que o negro faz é inferior e a cultura do branco é vista como superior. “Qualquer que seja o domínio considerado, uma coisa nos impressionou: o preto, escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica.” (FANON, 2008, p. 66) De acordo com Fanon, quando o negro assume o discurso do branco, e o alimenta, ele está alienado de sua cultura, alijado, doente:

O preto, no seu comportamento, assemelha-se a um tipo neurótico obsessional, ou, em outras palavras, ele se coloca em plena neurose situacional. Há no homem de cor uma tentativa de fugir à sua individualidade, de aniquilar seu estar-aqui. Todas as vezes que um homem de cor protesta, há alienação. Todas as vezes que um homem de cor reprova, há alienação. (FANON, 2008, p. 66)

Seguindo essa afirmação, o processo de alienação ocorre quando o discurso de superioridade do branco, construído pelo colonizador, é aceito pelo colonizado, que passará a sofrer de uma enfermidade, pois assumirá uma postura neurótica. Sua identidade será pautada por seu status, ou não, no mundo branco, sua aceitação de si está condicionada ao ajustamento nessa relação com uma sociedade que, segundo Fanon, é doente. Podemos analisar, a partir dessa perspectiva, o personagem Ismael, na peça, a busca dele por um status na sociedade, a partir de uma identidade com representação social: a de médico, papel plenamente aceito no meio, alimentando sua ideia de querer ser branco:

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica. (FANON, 2008, p. 95)

O personagem está inserido na sociedade brasileira, que apesar de negar o racismo evidente em seu meio, é possível perceber esse complexo em relação à cor, então o objetivo da sociedade é manter essa imagem de não preconceito, mas reproduzindo a ideia de uma “raça” superior, quando se referir à cor da pele como obstáculo a ascensão social.

Nesse sentido, a personalidade de Ismael é doentia, pois este nega sua cor, família e tudo que reforça seu complexo de inferioridade, ao buscar a ascensão social, na carreira de médico, conquista um poder econômico que permite a ele adentrar aos lares brancos, mas ainda nega a questão da igualdade. Sendo assim, a construção do personagem é de

luta em busca de forjar outra identidade. Para que essa possa ser utilizada como representação plenamente aceita na sociedade racista brasileira.

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. (FANON, 2008, p. 105).

Ismael é um personagem que podemos classificar como neurótico, e com identificações sociais doentias, de acordo com Hall (2004), sua identidade está em constante mudança, uma vez que nega sua origem, seu corpo negro. No entanto, essas identificações com o mundo branco, provocam nele mais dano, uma vez que não será aceito como branco, vivendo uma simulação da realidade.

A não aceitação da identidade gera todo o conflito, pois o ódio em relação a sua própria cor faz de Ismael um neurótico, pois até o contato com alguém afrodescendente, por mais que este possa ser cordial, manterá o personagem na defensiva, temendo ser contaminado. Ismael busca superar seus conflitos, negando tudo àquilo que está ligado ao negro, não aceita essa cor, pois essa não corresponde ao que deseja para sua vida enquanto indivíduo, segundo Fanon (2008), sua neurose se estabelece no momento em que aceita a inferioridade do negro, e deseja ardentemente tornar-se branco.

Esta estrutura psíquica pode ser identificada muitas vezes no contexto social brasileiro, pois não apenas o personagem Ismael nega sua cor, mas frequentemente encontramos afrodescendentes que assim agem. Isso é devido ao ambiente na qual estão inseridos, sendo que através da influência no meio, a eclosão do ego será inevitável, estas pessoas passarão a reagir conforme a sociedade, de acordo com Fanon:

A estrutura neurótica de um indivíduo será justamente a elaboração, a formação, a eclosão no ego de nódulos conflituais provenientes em parte do meio ambiente, em parte da maneira toda pessoal com que este indivíduo reage a essas influências. (FANON, 2008, p. 82)

Todo esse conflito do ego do negro está presente nas sociedades que foram colonizadas pelos brancos, os valores disseminados por uma ideologia que apregoava a supremacia do branco e afirmava que o negro era uma raça inferior, perpetuaram práticas sociais de discriminação e opressão ao longo da história. Esse discurso racial se estabeleceu na sociedade, sendo utilizado tanto por brancos como por negros.

Ismael sofre dessa dependência, do desejo de se tornar branco, torna-se um neurótico e está submerso na cultura branca, mas por mais que busque o branqueamento

cultural, vivendo os valores e usufruindo do prestígio que sua formação de médico possa lhe proporcionar, nunca vai deixar de ser o que realmente é, negro.

Em seu desejo por branqueamento, nada mais natural do que desejar o amor de uma branca. Ao entrar em contato com o corpo branco da mulher, o corpo negro realiza seu desejo por branqueamento. De acordo com Fanon (2008)

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem esse desejo repentino de ser branco.
Não quero ser reconhecido como *negro*, e sim como *branco*.
Ora – e nisso há um reconhecimento que Hegel não descreveu – quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco.
Sou um branco.
Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude...
Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. (FANON, 2008, p. 69)

Nesse sentido, podemos entender o desejo de Ismael, pois não se satisfaz com a conquista da cultura branca, ao tornar-se médico, deseja ser branco, para tanto é preciso conquistar o amor de uma branca. A sua identidade não se realiza apenas ao adquirir o status social de médico entre os brancos, mas a ideia de branqueamento que o torna um doente, ao forjar uma outra identidade, faz com que cometa crimes, que analisaremos a seguir.

2.2. A tragédia de Ismael de neurótico a violador e assassino

Como analisamos no item anterior, na peça *Anjo negro*, o personagem Ismael é apresentado como uma mente doentia, um neurótico que nega sua identidade e busca por todos os meios ser aceito no mundo branco. No primeiro capítulo, apresentamos o relacionamento de Ismael com Virginia, e agora vamos analisar a questão da violação de uma mulher branca por um homem negro e os desdobramentos que essa relação doentia provocará no personagem Ismael.

O desejo de branqueamento de Ismael, e sua determinação em ascender socialmente, fazem dele um médico aplicado e bem aceito. Percebemos que sua entrada na casa de Virgínia foi aceita, por sua condição social de médico, que representava um pouco de sua ascensão, mas não mudava sua realidade controversa, a cor de sua pele:

VIRGINIA – [...] Foi aí que Ismael apareceu, primeiro como médico, depois como amigo também. —Preto, mas muito distinto, diziam; e, depois, doutor. Em lugar de interior, isso é muito. Ele se apaixonou por mim... (RODRIGUES, 2004, p.108)

Essa descrição de Ismael por Virgínia colabora com os estudos que estamos realizando, pois Nelson Rodrigues expressa na voz da personagem o preconceito racial que permeia as relações sociais. Ismael foi aceito como amigo, mas não como igual, sua cor da pele ainda o distinguia das demais pessoas.

O casamento de Virgínia e Ismael tem sua origem ligada ao ódio e sede de vingança, das personagens na peça, em especial a tia de Virgínia, esses sentimentos são os propulsores de todas as ações que irão se desenrolar na construção da peça:

VIRGINIA – (*numa histeria*) A Senhora se vingou naquele dia, quando fechou a casa toda e mandou Ismael subir!

TIA – Não bastou. Foi pouco, muito pouco... Ainda falta... E nem sei se o que Ismael fez contigo foi vingança. (*veemente*). Não sei. (para Virgínia) Te juro que se um homem fizesse com minha filha - o que Ismael fez ali (*indica a cama quebrada*) – eu ainda agradeceria - te juro! Se visses o estado de minha filha, da que ficou lá embaixo – se visses o que ela diz, o que ela faz ... (RODRIGUES, 2004, p. 118)

A violação de Virgínia teve total colaboração das pessoas que a deviam proteger, nesse sentido, podemos perceber que a brancura da pele atraiu Ismael, sua neurose o faz desejar Virgínia a tal ponto que não hesita em violá-la, tornando-se monstruoso aos olhos dela, em vez de romântico e apaixonado, como namorado.

Tal ato tem sua origem na impossibilidade de realização da conquista amorosa, Virgínia não o desejava, e o sentimento de inferioridade de Ismael, por ser negro, leva-o ao extremo para realização do ato de possuir a mulher branca: viola-a, e a partir desse momento sua relação com a moça é sempre marcada pela violência. O casamento dos dois não altera nem apaga a tensão violenta da relação, pelo contrário, aprofunda, como podemos ver no seguinte fragmento:

ISMAEL _ ... Há oito anos que todas as noites acontece nesta cama o que aconteceu na outra. Há oito anos que gritas como se fosse a primeira vez; e eu tenho que tapar a tua boca. Sou teu marido, mas quando me aproximo de ti, é como se fosse violar uma mulher. És esta mulher sempre violada – por que não queres, não te abandonas, não te entregas... Sentes o meu desejo como um crime. Sentes? (RODRIGUES, 2004, p. 120).

Nelson Rodrigues explora a questão da violência, o casamento dos dois é a metáfora da sociedade brasileira, marcada pela violência de gênero e racismo não disfarçados. Dessa forma, o autor desnuda em sua peça algo que sempre esteve em nossa sociedade, mas que não era discutido abertamente, a formação do povo brasileiro feita de violações e violências, próprias do sistema colonial. A casa de Ismael representa esse campo de batalha, em que está em jogo na luta pelo poder o direito de oprimir.

A peça *Anjo negro* desdobra-se, e a violência vai crescendo, com a chegada de mais um personagem, para perturbar a não paz existente. É o que podemos conferir no fragmento abaixo, que mostra a chegada de Elias, irmão de Ismael:

CEGO – E a mulher?

PRETO – Ah, essa, meu filho! Ninguém vê!

CEGO – Eles estão bem?

PRETO – Se brigam muito, ninguém sabe!

CEGO – Pergunto, se estão bem de dinheiro?

PRETO – Estão cheios! Têm tanto, que ele não atende mais chamado, não dá mais consulta!

CEGO – Vai ver que a mulher é de cor. Ou me engano?

PRETO – Se engana! Branca e daquelas! Uma coisa por demais. Eu conheci solteira, de meia curta. Depois não vi nunca mais!

CEGO (*para si mesmo*) – Eu já sabia, só podia ser branca! (muda de tom) Eu queria falar com ele!

PRETO (*alarmado*) – Com o doutor?

PRETO – Não lhe aconselho! (RODRIGUES, 2004, p. 95)

A chegada de Elias aprofunda o conflito entre o casal. Ismael havia rompido com o seu passado, tentado fugir de suas origens, e é assombrado pelo irmão cego, que traz consigo as lembranças e marcas da violência já presentes na relação de ambos. O ódio de Ismael pelo irmão, tem sua origem na inveja, pois Elias é branco, essa situação é tão insuportável para ele que provoca a cegueira no irmão. A maldade de Ismael é pressentida pelo irmão, que alimenta esse ódio.

Nesse contexto da peça, Elias vai à casa do irmão levar a notícia que sua mãe o mandara dar, mas Ismael não o deixa falar, está de saída para o enterro de mais um filho que nasce e morre, e para que este não seja visto por ninguém da casa, deixa Elias ficar no quarto de visitas.

Ismael mantém Virgínia prisioneira, proibindo-a de ter contato com outros homens, até mesmo de sair do quarto. Virgínia pressente a presença de alguém na casa, todos estão no enterro e ela presa no quarto, curiosa suborna a empregada, para que esta conte o que se passa, ao saber da presença do cunhado, usa a moça para atrair Elias ao seu quarto, com desejo de ter um filho branco, ela seduz o cunhado.

Virginia acaricia-o no rosto, nos cabelos. Caem de joelhos os dois, um diante do outro)

ELIAS – Você está quase louca.

VIRGINIA – Se já não estou.

ELIAS – Quer de mim o quê?

VIRGINIA – Lembra-se do que eu lhe disse? Que seus lábios eram finos e meigos? Dá-me um beijo? (*Os dois beijam-se apaixonadamente. Elias ergue-se, trazendo consigo o corpo de Virginia. Ela, então, desprende-se. Afasta-se, fica de costas para ele. Depois volta-se para ele.*) (RODRIGUES, 2004, p 110)

Após a consumação da traição, que Virgínia arquitetara para vingar-se do marido, na esperança de finalmente ter um filho branco, as pessoas da casa retornam do velório. Ismael tenta expulsar Elias da casa, esse resiste, pois alega que só sairá depois de cumprir a missão que a mãe lhe deu, e os conflitos entre os dois continuam.

A tragédia tem desdobramentos quando compreendemos o sentido do nome da peça. Ismael confronta Virgínia sobre o destino de seus filhos, seus *anjos negros*:

VIRGINIA – Não tenho medo de ti...

ISMAEL – Tens. Eu sei que tens. (*muda de tom*). Porque odiaste meus filhos!

VIRGÍNIA (*recuando*) – Não odiei teus filhos!

ISMAEL – Odiaste. Antes deles nascerem, quando estavam ainda no teu ventre – tu já os odiava. Por que eram meus filhos... Levanta o rosto! Minto? E porque eram pretos e se pareciam comigo. Tu mesma disseste – que tinham o meu rosto ...

VIRGINIA (*olhando a fisionomia do marido*) – Tinham o teu rosto ...

ISMAEL – Eles morreram porque eram pretos...

VIRGINIA (*com terror*) – Foi o destino.

ISMAEL (*contendo-se ainda*) – Porque eram pretos. (*novo tom*) – Pensas que eu não sei?

VIRGINIA (*recuando num sopro de voz*) – Não, Ismael, não!...

ISMAEL – Que fizeste com meus filhos?

VIRGÍNIA (*apavorada*) – Nada – não fiz nada ... (*Os dois se olham.*)

ISMAEL – Mataste (*baixa a voz*). Assassinate. (*com violência contida*) Não foi o destino: foste tu, foram tuas mãos, estas mãos... (RODRIGUES, 2004, p. 121)

O longo diálogo entre os dois é marcado pelas acusações que o marido faz aos atos da esposa. A negativa desta em conceber filhos negros, encontra em Ismael também um cúmplice, pois este, apesar de desejar filhos, também se ressentido de que estes nasçam negros. A neurose dos dois personagens, nesse ponto da peça, atinge o status de loucura. Ela, assassina dos próprios filhos, por serem negros e frutos de sua relação violenta. Ele, cúmplice, pois mesmo sabendo o que ela faz, não a impede, pelo contrário, a ama mais desesperadamente.

O desejo de Ismael por Virgínia não tem limites racionais, de acordo com Fanon (2008) a despersonalização do sujeito provoca desequilíbrios que levam à loucura. No fragmento abaixo, a constatação do sentimento de igualdade sentido por Ismael, ao sabê-la tão cruel quanto ele:

ISMAEL – Aos outros dois você deu veneno...

VIRGINIA (*hirta*) – Sim.

ISMAEL – porque eram pretos.

VIRGINIA – (*abandonando-se*) – Por que eram pretos. (*com súbita veemência*) Mas se sabias, por que não impediste?

ISMAEL (*com voz mais grave, mais carregada*) – Não impedi porque teus crimes nos uniam ainda mais; e porque meu desejo é maior depois que te sei assassina – três vezes assassina. Ouviste? (*com uma dor maior*) Assassina na carne dos meus filhos... (RODRIGUES, 2004, p. 123)

Virgínia mata os filhos para não disseminar filhos do seu agressor negro. Então, vive como em um ciclo sem escapatória, pois o destino que dá às crianças era a morte. Todo esse processo é um ciclo, que envolve tanto o casal quanto às crianças. De acordo com Rhinow:

O ciclo sem escapatória, pois as crianças do casal protagonistas na peça, estão fadadas a morrer nesse ciclo, e isso mostra com clareza em qual grau o Ismael se apresenta. O ciclo do Ismael antes de chegar a esse processo, o personagem passa de um neurótico a assassino, e essa mudança fez apoiar todos os crimes da esposa. Esses crimes uniram ainda mais o casal (RHINOW, 2000, p. 51).

Nessa perspectiva, de um ciclo que não dá para escapar, Virgínia arquiteta sua vingança, a partir da sedução de Elias e sua possível gravidez. A traição é descoberta pela tia, que a odeia.

TIA – Ismael, sim. Vai saber que tens um amante...

VIRGÍNIA (num lamento) – Não é amante!

TIA – Um amante que não te conhecia e que tu não conhecias. Um amante que mandaste chamar, que seduziste, que trouxeste pela mão até teu quarto. Direi a ele, a teu marido! (RODRIGUES, 2004, p. 145).

O fragmento deixa evidente que a tia não está satisfeita com a vingança contra a sobrinha, e quer que esta sofra mais ainda. Virgínia, pressionada, conta a Ismael de sua traição, e este a pedido da esposa, expulsa a tia dela. Enlouquecido pela traição e ciúmes, ameaça matar o amante e irmão, que foge, bem como a criança no ventre da mulher. Para conter a fúria do marido, ela revela seu desejo de maternidade, mas o desejo por ter um filho branco.

ISMAEL (como se quisesse convencê-la) – Já que este homem fugiu – pagará o teu filho, o filho dele. (Virgínia perde a cabeça; sua incoerência é absoluta)

VIRGÍNIA – Meu filho, não. Meu filho não é culpado de nada, Ismael. Eu não amo este homem. Se eu o chamei, foi por causa do filho, para ter o filho... Teu irmão não me importa. E não é puro, não é inocente... Se disse isso, foi para te enganar, pensando que assim sentirias menos. Mas ele só sabe amar como você, como qualquer outro – Fazendo da mulher uma prostituta... (num esforço supremo para convencer o marido) Pois se até eu fiquei com ódio dele, e de mim (histérica) com ódio da cama, da fronha, do lençol, de tudo! (Mergulha o rosto nas mãos, numa crise de lágrimas).

ISMAEL – Acredito.

VIRGÍNIA (erguendo o rosto) – Então, perdoas meu filho?

O diálogo acima ilustra bem o estado de loucura vivenciado pelas personagens. Podemos verificar a trajetória empreendida por Ismael, que até esse ponto da peça nos é apresentado como um neurótico, cruel e violento, pois capaz de cegar o irmão, na juventude, estuprar a jovem Virgínia e desposá-la, em uma relação doentia de constante estupro, que não tem outro desfecho, senão o trágico. Mas Nelson Rodrigues aprofunda ainda mais o fosso dessa tragédia, Ismael torna-se cúmplice da esposa, ao assistir, sem interferência ao assassinato de seus três filhos, além de planejar a morte do irmão e do filho que ela carregava no ventre. Na sequência:

VIRGÍNIA – E se eu te desse uma prova? Se provasse que este homem não é nada para mim? (muda de tom, lenta) Eu menti quando disse que ele fugira. Está lá embaixo, no quarto, à minha espera... Pertinho daqui...

ISMAEL (numa alegria selvagem) – Lá embaixo, ainda está aí? Não fugiu? (Rápido, apanha um revólver. Virgínia acompanha fascinada todos os seus movimentos.)

VIRGÍNIA (indo ao seu encontro) – Ele é quem deve pagar, e não meu filho. Ele, sim, que me possuiu...

ISMAEL – Não sofrerás, se ele morrer?

VIRGÍNIA – Eu, não! Pois até quero, se fui eu que disse que ele ainda estava aí! ... (RODRIGUES, 2004, p. 164-5).

Neste fragmento, a loucura dos dois toma conta do texto, e esta os une ainda mais, tornam-se cúmplices em um ciclo que os aprisiona mais e mais, conforme explicitado anteriormente por Rhinow (2000), ao falar sobre os assassinatos dos filhos, e agora de Elias. Mas, novamente o destino brinca com os desejos de Ismael, o filho da traição, que ele queria morto, nasce menina, e isso dá novo rumo à peça, encerra novas loucuras:

ISMAEL (*enchendo o palco com sua voz grave e musical de negro*) – Mas eu, não. Quando vi que era uma filha, e não um filho, eu disse: “Oh, graças, meu Deus! Graças!” Queimei os olhos de Ana Maria, mas sem maldade – nenhuma! Você pensa que fui cruel, porém Deus, que é Deus, sabe que não. Sabe que fiz isso para que ela não soubesse nunca que sou negro. (*num riso soluçante*) E sabes o que eu disse a ela? Desde menina? Que os outros homens – todos os outros – é que são negros, e que eu – compreendes? – eu sou branco, o único branco (*violento*) eu e mais ninguém. (*baixa a voz*) Compreendes esse milagre? É milagre, não é? Eu branco e os outros, não! Ela é quase cega de nascença, mas odeia os negros como se tivesse noção de cor... (RODRIGUES, 2004, p. 174-175).

Nesse trecho fica evidente a loucura pelo branqueamento de Ismael, seu anseio pelo mundo branco, por ser branco, o faz cometer novas crueldades, pois cega Ana Maria, a menina, com intuito de ser branco, ao menos para ela. Não admitia ser negro, e encontrou nesse ato uma forma de brancura. Ismael, de acordo com Fanon (2008), é “[...]”

um homem como os outros, mas sabe que sua situação é insustentável. Ele é um pedinte. Ele procura a tranquilidade, a permissão nos olhos do branco” (p.78).

Forja uma identidade branca, para se apresentar à menina, e a educa para amar esta brancura, que na escuridão que vivia, Ana Maria não tinha como identificar como falsa, assim, ela ama o pai branco e odeia os negros, pois é educada dessa forma por ele. As identidades (HALL, 2004) que Ismael assume refletem sua não adaptação ao mundo, seu desejo profundo por negar sua cor da pele, negra, consequência de seu viver em um mundo colonizado, embrutecido pelo sistema colonial. Denunciam a neurose dos homens, que se percebem a partir de uma perspectiva racial (FANON, 2008).

A partir do nascimento de Ana Maria, novo ingrediente é posto em ação por Nelson Rodrigues, pois a relação entre Ismael e a moça provocará ciúmes em Virgínia. Ana ficará no meio dos dois, pois ama o pai, e é ensinada por este a ignorar a mãe. Esta situação atinge o ápice conforme a menina se torna adolescente, a peça dá um salto temporal, e a jovem já está com 15 anos.

Ismael construiu uma história que pudesse isolar do mundo ele e sua filha. Mas a loucura que eles viviam não poderia durar muito. Virgínia, sentindo-se isolada desse amor, disputa com a filha a atenção de Ismael, uma vez que este fala para esposa que ama Ana Maria como mulher, e a acusa de sentir ódio por negros. “Tive ódio e loucura por ti” (*Idem*, p. 188) Virgínia, após passar convivendo com Ana Maria, passa a amar Ismael:

VIRGÍNIA (escarnecendo) – E pensa que você é branco, louro! (triumfante) Se ela soubesse que és preto!... (muda de tom) Ela te ama porque acha que é o único branco... Ama um homem que não é você, que nunca existiu... Se ela visse você como eu vejo – se soubesse que o preto é você (ri ferozmente) e os outros não; se visse teus beijos, assim como são, ela te trocaria, até, por esse homem de seis dedos... (Agarra-se mais ao marido, envolve-o.)

VIRGÍNIA – Agora, eu não!... Eu te quero preto, e se soubesses como te acho belo, assim como os carregadores de piano!... De pés descalços, cantando!

ISMAEL – És meiga como uma prostituta!

VIRGÍNIA – Sou, não sou?

ISMAEL (apaixonado) – E ela, não! (com rancor) Ela se dá como o pai possuía – com tanta pureza!... (exalta-se) Não seria como tu... Não teria o medo que sempre tiveste... Não gritaria... Ama sem sofrimento e sem pavor... E não sabe que eu sou preto, (tem um riso soluçante) não sabe que sou um “negro hediondo”, como uma vez me chamaram... Só me ama porque eu menti – tudo o que eu disse a ela é mentira, tudo, na verdade! (possesso) Não é a mim que ela ama, mas a um branco maldito que nunca existiu!

VIRGÍNIA – Vem comigo, vem!

ISMAEL (espantado) – Mas e ela? Você não compreende que ela não deixa? Que sempre estará entre nós?

VIRGÍNIA – Eu sei como fazer – para que ela fique tranquila... (resoluta) Vai chamar minha filha. Traz a minha filha. Diz que é um passeio. E quando chegar aqui, eu quero que tu a bejes como teu filho que morreu, no tanque... (RODRIGUES, 2004, p. 190).

Virgínia convence Ismael que foi buscar Ana Maria, leva-a ao o caixão de vidro, depois ambos deixam a menina no caixão de vidro e vão para cama. Nessa cena fica implícito o presságio, a possibilidade de mais um filho, mais um *anjo negro*:

SENHORA – Ó branca Virgínia!
SENHORA – (rápido) – Mãe de pouco amor.
SENHORA – Vossos quadris já descansam.
SENHORA – Em vosso ventre existe um novo filho!
SENHORA – Ainda não é carne, ainda não tem cor!
SENHORA – Futuro anjo negro que morrerá como os outros!
SENHORA – Que matareis com vossas mãos!
SENHORA – Ó Virgínia, Ismael!
SENHORA (com voz de contralto) – Vosso amor, vosso ódio não têm fim neste mundo! (RODRIGUES, 2004, p. 192).

A peça encerra-se com o coro pressagiando novos assassinatos, pois o fruto da relação entre as duas raças é destinado à morte. Nesse sentido, a neurose, como apresentada por Fanon (2008) ganha desdobramentos trágicos, Nelson Rodrigues, explora a situação de Ismael ao limite, levando-o a cometer todos os crimes, para a realização de seu desejo mais profundo, possuir a branca Virgínia, e possuir a cultura branca. Nessa posse, ele se torna assassino dos filhos. Metaforicamente, pensamos a sociedade brasileira, que mata o futuro dos jovens negros, que não lhes destina para algo melhor, reproduzindo ainda os estigmas da sociedade colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nelson Rodrigues ao escrever suas peças tinha como objetivo retratar a sociedade. Assim, em *Anjo negro*, peça que analisamos neste trabalho, o escritor trabalhou com os aspectos da tragédia, para denunciar a situação do negro atual.

Neste trabalho, estudamos a trajetória do personagem Ismael, sua situação na peça, que consideramos ter uma estrutura herdada das tragédias clássicas, por apresentar alguns dos elementos que configuram o destino trágico. As personagens sofrem peripécias, pois passam da fortuna ao infortúnio, no caso de Virgínia, a partir de suas ações. Mas nossa atenção é voltada para a questão racial. Nosso enfoque dos problemas, tais como mortes, ciúmes, ódios e traições, foram analisados a partir da perspectiva da discriminação racial e do discurso colonial.

Os teóricos com os quais dialogamos nos permitiram perceber que as identidades entram em conflito, e podem provocar a alienação do sujeito e, principalmente, no caso da colonização branca, podemos analisar a total alienação destas identidades, provocadas pela neurose do discurso colonial.

A doença diagnosticada por Fanon (2008) pode ser percebida como inerente a sociedade brasileira, nosso modo de pensar é em termos raciais, não conseguimos nos libertar desse conceito, e nos relacionamos a partir dessa perspectiva. A peça *Anjo negro* é contundente ao metaforizar essas nossas relações, pois expõe a violência inerente ao processo colonial. Toda forma de colonização pode ser vista na peça como uma violência, que resultou em loucura.

Nelson Rodrigues de fato construiu um texto literário que provoca, que faz pensar, que expõe nossas mazelas. Sabemos que esse texto pode ser analisado sob outras perspectivas, poderíamos ter estudado a questão de gênero, a violência contra a mulher, o patriarcalismo, mas era necessário um recorte, e o pensamos no sentido racial.

O que deveria ser feito para sensibilizar o governo, ou a sociedade para que evitar essa matança de negros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELES, *Arte Poética*. 2ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAVALCANTE, Natalia Sá. *Considerações a respeito do “prazer estético” para Hans R. Jauss*. 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOTHE, Flávio. *O percurso do herói*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1982.
- LOPES, Ângela Leite. *Nelson Rodrigues: Trágico, então moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MAGALDI, Sabato. *Nelson Rodrigues - Dramaturgia e Encenações*. São Paulo: Editora Perspectiva/USP, 1992.
- PRADO, Décio de Almeida. *O teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- PEREIRA, Maria da conceição Vasconcelos. *Nelson Rodrigues: anjo negro e a falência da família*. Belém-Pará: Unama Universidade da Amazônia, 2012.
- RHINOW, Daniela Elyseu. *Nelson Rodrigues: A Flor e a Náusea*. Rio de Janeiro: Lemos Editorial e Gráfico Ltda, 2000.
- RODRIGUES, Nelson, *Teatro Completo de Nelson Rodrigues*, v. I - 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S/A, 1968.
- LEITES, Alves. *O teatro de Nelson Rodrigues – a linguagem e a composição trágica em anjo negro*. In: <http://oteatrodnelson.blogspot.com.br/2010/08/caracteristicas-das-obras-de-nelson.htm>, acesso em: 12/08/2015.
- <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/jose-de-anchieta-padre/festa-de-sao-lourenco-2.php>, acesso em: 8/07/2015.